



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 20 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliamdia.com.br

O IRÃ, DE MAHMOUD AHMADINEJAD, QUER PROIBIR ATIVIDADES DE CANTO E DANÇA EM JARDINS DE INFÂNCIA, POR CONSIDERÁ-LAS "IMORAIS".



A DECISÃO FOI ANUNCIADA PELO DIRETOR-GERAL DE BEM-ESTAR DA PROVÍNCIA DE TEERÃ.



FIQUEI PENSANDO NO FILME A FITA BRANCA, DE MICHAEL HANEKE, E TODAS AS DISTORÇÕES E LOUCURAS QUE UMA EDUCAÇÃO RESTRITIVA, SEVERA E VIOLENTA, IMPOSTA ÀS CRIANÇAS, PODE GERAR.



UM POVO CULTIVADO NA REPRESSÃO, NO AUTORITARISMO E NO SOFRIMENTO É INTOLERANTE E PERVERSO.



IMORAL Abro os jornais e leio aturdida que o Irã, de Mahmoud Ahmadinejad, depois de querer apedrejar Sakneh, prender e torturar homoafetivos e matar pessoas com pensamentos diferentes da cartilha islâmica do Estado, agora quer proibir atividades de canto e dança em jardins de infância, por considerá-las "imorais". Parece mentira, mas não é. A decisão foi anunciada pelo Diretor-geral de Bem-estar da Província de Teerã, Valiollah Nasr. A informação nos é revelada pelo correspondente da Folha de S. Paulo, Samy Adghirni, e demonstra o atual acirramento das restrições morais impostas à sociedade iraniana.

É PROIBIDO CANTAR E DANÇAR Em entrevista à agência de notícias Fars, ligada ao regime, o Diretor-geral de Bem-estar informou que "infelizmente, nos últimos anos, os jardins de infância vêm ensinando crianças a cantar e dançar". Ele disse que o governo já começou a enviar às escolas infantis – públicas e privadas – uma cartilha com regras que devem ser seguidas para o ensino de acordo com os valores islâmicos. O senhor Nasr afirmou também que "os programas predefinidos fazem com que não haja mais desculpas para ensinar às crianças coisas imorais". O veto aparentemente se aplica a todas as formas de música, não somente a canções ocidentais.

MÃES CHOCADAS A dona de um jardim de infância privado de Teerã disse que "o governo não pode controlar tudo, e conclui: onde já se viu impedir crianças de se divertir com música?" As mães de alunos se disseram indignadas com o veto à música. Uma delas afirmou que isso é uma grande besteira "(...) querem impedir as crianças de serem felizes". Outra mãe disse que "o governo só quer saber de bandeiras pretas, martírio e morte".

A FITA BRANCA Diante desses fatos, fiquei pensando no filme A Fita Branca, de Michael Haneke, e todas as distorções e loucuras que uma educação restritiva, severa e violenta, imposta às crianças, pode gerar. Em entrevista à revista *New Yorker*, em outubro de 2009, Haneke definiu seu filme: "Não ficaria feliz se esse filme fosse visto como um problema alemão, sobre o nazismo. Este é um filme sobre as raízes do mal. É sobre um grupo de crianças que são doutrinadas com alguns ideais e se tornam juizes dos outros. Se você constrói uma ideia de uma forma absoluta, ela vira uma ideologia. Você poderia fazer o mesmo filme – de uma forma totalmente diferente, é claro – sobre os islâmicos de hoje. Sempre há alguém em uma situação de grande aflição que vê a oportunidade, através da ideologia, para se vingar, se livrar do sofrimento e consertar a vida. Em nome de uma ideia bonita você pode virar um assassino".

O QUE É PIOR? Afinal, o que é mais injusto? Ser uma prostituta nas ruas de Paris ou uma mulher espancada, sem motivo algum, pelo próprio marido, no mundo islâmico? Ser um prisioneiro torturado, sem saber por que, nos campos da Coreia do Norte, ou um mendigo nas ruas de Nova York? Ser obrigada a usar uma burca e não poder exercer uma profissão ou ser uma catadora de papel nas ruas de São Paulo? Não ter direito a brincar e cantar no jardim de infância, ou ser um menor abandonado, "cheirador de cola" ou "aviãozinho" do tráfico, nas favelas cariocas?

LIBERDADE DE ESCOLHA Todas as opções são duras e cruéis. Mas como persona do mundo ocidental, criada à imagem e semelhança de dezenas de povos, centenas de séculos e milhares de referências culturais que vão dos atenienses e gregos, passando pelos egípcios, romanos, bizantinos, árabes, judeus, astecas, negros e índios, entendo que a liberdade de escolha e as leis que regem os princípios democráticos, mesmo com todas as desigualdades, ainda são o melhor caminho a seguir, porque permitem a escolha, mesmo que ela não dê certo.

INTOLERÂNCIA Observo com dor os menores abandonados cujo direito à proteção foi roubado por pais imaturos ou inconsequentes e por um Estado omissivo. Mas quando leio que uma nação autoriza uma lei proibindo crianças de jardim de infância de cantar e dançar em nome de uma pseudo-moral, fico perplexa, porque privar crianças de expressar emoções através da dança e do canto pode ser o maior de todos os castigos. Um povo cultivado na repressão, no autoritarismo e no sofrimento é infeliz, intolerante e perverso.

TOTALITARISMO Nada justifica a omissão do Estado na condução das regras sociais, mas é inadmissível que uma nação tolere e perpetue qualquer tipo de totalitarismo, seja ela de direita, de esquerda ou religiosa. O totalitarismo avilta a liberdade de ser, agride as diferenças e destrói a diversidade de ideias, essas sim, a maior de todas as riquezas de um povo, de uma sociedade ou de uma nação. Liberdade, sempre. Intolerância, jamais. Este talvez seja o maior desafio para o século 21.